

VISÃO

Cultura

MÚSICA

Os Police voltam a carga

Ciúmes, ódios e jogos de poder acabaram com um dos grupos mais carismáticos dos anos oitenta. Mas a banda de Andy Summers, Stewart Copeland e Sting decidiu pôr de lado as discórdias para voltar, este Verão, a cantar *Roxanne* numa digressão por meio mundo - onde Lisboa está incluída, com um espectáculo a 25 de Setembro, no Estádio Nacional. Ao mesmo tempo, um livro mostra as fotografias mais íntimas da banda, tiradas pelo próprio Summers

POR DIEGO A. MANRIQUE

CULTURA
MÚSICA

Vamos começar por situá-los. Em princípios dos anos 80, os Police eram «o grupo mais popular do mundo». Mesmo correndo o risco do sacrilégio, podia dizer-se que Sting, Andy Summers e Stewart Copeland tinham atingido o nível de omnipresença dos Beatles: tal como o grupo de Liverpool, enchiam o Shea Stadium de Nova Iorque, mas, mais importante, eram imitados em todo o planeta. Os Police tinham encontrado o caminho para integrar os amplos ritmos do *reggae* nas esquemáticas fórmulas da *new wave*. O resultado foi explorado por centenas de grupos, nos cinco continentes; e, na verdade, ainda mexe.

No entanto, os Police não funcionavam como colectivo: dividiam-nos ciúmes, ódios e jogos de poder. Pensando friamente, nada que nos possa escandalizar. Eram três seres humanos muito diferentes que se tinham juntado em 1977 exclusivamente para tentar apanhar o comboio do sucesso, aproveitando a fantástica confusão criada pela explosão punk. Para Andy Summers, tratava-se praticamente da última oportunidade. Nascido em 1942, tocava já 15 anos sem qualquer êxito. Para termos uma ideia da sua veteranaria: Andy foi o primeiro guitarrista britânico que acompanhou Jimi Hendrix, quando este aterrou em Londres em 1966.

Stewart Copeland, norte-americano, nascido em 1952, saboreou um certo sucesso como baterista dos Curved Air, casando até com a vocalista Sonja Kristina de quem teve três filhos. Mas isso de nada lhe valia, nos círculos punk, que desprezavam o rock progressivo. No entanto, Copeland teve visão. Conhecera, em Newcastle, Gordon Matthew Summer (1951) – aliás, Sting – um músico que combatia as suas frustrações tocando jazz, em grupos de entusiastas do género, cantando enquanto dedilhava o baixo. Copeland reconheceu o carisma de Sting e convidou-o a tentar a sorte em Londres, onde as hierarquias musicais estavam ao rubro, com a chegada dos punks. Na proposta pulsava, reconhece agora Stewart, alguma arrogância: «Vamos fazer o mesmo que eles, mas tocando bem.» O plano geral era apurado pelos seus dois irmãos, os duros Ian e Miles Copeland, que se ocupavam do *management*, da editora (os Police começaram numa independente) e dos contratos.

Falsos punks

Existia um obstáculo no caminho para o objectivo de se transformarem no megagrupo da sua época. Musicalmente, Sting

140 **visão** 21 DE JUNHO DE 2007

“Se alguma vez falar em ressuscitar os Police, autorizo que me internem num manicómio”

(Sting)

De hotel em hotel

Andy Summers recorda a vida dos Police em digressão como «uma manada de malucos à solta»



Os Police tinham ética no trabalho e metas definidas, ao contrário das bandas punk dos anos 70/80

revelava-se um snob: o rock punk era, para ele, horrível. Começou a aperceber-se das possibilidades criativas dos Police quando entrou no grupo Andy Summers, músico mais sofisticado que o seu primeiro guitarrista, um corso chamado Henri Padovani. Sting rapidamente se transformaria num autor prolífico, substituindo Copeland, que inicialmente via os Police como veículo para as suas canções. Ao serem falsos punks, podiam aceitar qualquer oportunidade que surgisse, mesmo que isso parecesse oportunismo. Se houvesse dinheiro, envolver-se-iam até em projectos de rock pretensioso. Aceitaram mesmo protagonizar um anúncio de televisão para uma pastilha elástica; o guião exigia que pintassem o cabelo de vermelho e foi assim que adquiriram um dos seus visuais mais reconhecíveis.

Socialmente, nada tinham a ver com os bárbaros. Se lhes acontecia tocar com bandas punk, Sting marcava a diferença, concentrando-se, ostensivamente, num livro. Copeland indignava-se com essa provocação: encenar o desprezo fechava-lhes portas. De qualquer forma, não encaixavam no movimento: os Police tinham ética no trabalho e metas definidas. Por exemplo, os Sex Pistols foram fazer uma digressão pelos Estados Unidos e autodestruíram-se. Pelo contrário, os três membros dos Police viajaram para Nova Iorque levando alguns dos instrumentos como bagagem de mão. Arranjaram uma carrinha e fizeram saber que actuariam em qualquer clube que aceitasse pagar-lhes 300 dólares, o suficiente para a gasolina, comida rápida e um hotel barato de duas pessoas por quarto.

De costas voltadas

A vida dos Police foi intensa e produtiva: entre 1977 e 1984, ano em que anunciaram um «período sabático» que escondia a dissolução, gravaram cinco álbuns, dos quais se extraíram jóias como *Roxanne*, *Walking on the Moon*, *Message in a Bottle*, *Every Little Thing She Does Is Magic*, *Every Breath You Take*. Podiam brincar com o simplismo «do do do do, de da da da», mas, em simultâneo, aproximavam-se do jazz e das músicas étnicas. Sting dava ares de deus do rock, enquanto dizia que certas canções tinham a ver com Carl Jung ou Paul Bowles. O lado presunçoso que destruiu outros, no caso de Sting potenciou o seu *sex appeal*.

Fora dos palcos, os seus companheiros divertiam-se como podiam. Stewart Copeland comprou uma máquina Super 8 e filmou cerca de 50 horas do grupo em acção, que, em 2006, se transformariam no documen-

MÚSICA



tário *Everyone Stares: The Police Inside Out*. Andy Summers foi mais modesto: comprou uma Nikon e chegou a montar um mecanismo nos pedais da bateria para retratar o público enquanto tocava. Agora, Summers publica, na *Taschen*, as suas fotos «policianas» como *I'll Be Watching You*. Imagens que são complementadas com anotações do seu diário. Trata-se de uma crónica da perda da inocência, o que acontece quando os músicos ascendem à estratosfera. Em 1979, recorda Andy, tentaram juntar-se a umas raparigas norte-americanas que, a julgar pela indumentária, deviam pertencer à subcultura sadomaso (demoraram a descobrir que estavam só mascaradas, uma coisa habitual na noite de *Halloween...*). Dois anos depois viajavam em avião privado e as hospedeiras chegavam a oferecer-lhes serviços sexuais.

Summers explica como, paulatinamente, se perde o contacto com a realidade: «Uma banda na estrada é como uma chusma de crianças servida por fiéis gnomos cansados. Tudo é feito num mar de brincadeiras escabrosas e comentários vergonhosos sobre as falhas dos outros. Já nem me lembro da última vez que afinei pessoalmente as minhas guitarras. Estou ligado ao meu instrumento tão profundamente como devia? Nunca deixamos de tocar, penso que isso compensa o resto. Creio que estamos na Alemanha, mas não tenho a certeza.»

O lado presunçoso que destruiu outros, no caso de Sting potenciou o seu 'sex appeal'

Em teoria, os Police tomavam decisões democráticas. Normalmente ganhava o bloco de Summers e Copeland. Mas Sting, compositor dos principais êxitos e centro visual do trio, empenhava-se em fazer valer a sua vontade. Por vezes, só se acalmava depois de andar à pancada com Copeland. O baterista chegou a escrever insultos contra Sting na bateria, para que todos soubessem o que pensava do «querido líder supremo».

O fim da magia

Com tantas guerras, chegavam a perder boas oportunidades. Summers espanta-se, hoje, com o facto de a cantora Joni Mitchell lhes ter pedido para gravar com eles e terem recusado. Empenhados em combater o tédio em concertos na Índia, no Egipto e noutros países fora do circuito convencional, iam acumulando mal-entendidos culturais: no México tocaram para os dirigentes do PRI e foram injuriados pelos fãs de base. No Chile de Pinochet foram considerados como criaturas não civilizadas por causa de um gesto genital,

que, no código da digressão, equivalia a um pedido de cocaína. Funcionavam como «uma manada de malucos à solta».

As relações internas estavam mais do que deterioradas. Para se esquivarem aos impostos britânicos, Sting e Summers mudaram o seu domicílio para a Irlanda. As suas manções estavam em costas diferentes da ilha para não fazerem fáiça. Sting foi tomando o controlo do grupo: apresentava-se para as gravações com o repertório estruturado, negando assim participações alheias.

Actualmente, Andy pensa que podiam ter dado margem a Sting para funcionar como solista, sem terem que partir o brinquedo principal. É uma teoria duvidosa. Ainda nos recordamos de os ter visto, na sua reaparição, em 1986, no espectáculo *Conspiracy of Hope*, em Atlanta, uma caravana de estrelas organizada pela Amnistia Internacional, e era penoso verificar que tinham perdido o viço e a elasticidade: três sobredotados imitando-se a si mesmos, com caras de frustração. Conscientes de que a magia desaparecera,

CULTURA
MÚSICA**Em digressão**

«Fazer parte de um grupo é angústia, humor negro, camaradagem, depressão e mesquinhez», escreveu Andy Summers

bateram com a porta. Sting declarou, mesmo: «Se alguma vez falar em ressuscitar os Police, autorizo que me internem num manicómio.»

Ofendidos, os seu companheiros (?) enveredaram por vidas profissionais fora dos grandes palcos. Stewart Copeland desenvolveu uma lucrativa carreira como compositor de bandas sonoras, trabalhando com Oliver Stone ou Francis Ford Coppola. Participou, também, em grupos mais ou menos experimentais; no entanto, em 2002, ansioso por reencontrar o grande público, encarou tocar bateria com os ressuscitados Doors (uma lesão acabaria por impedi-lo de ter esse necrófilo prazer).

Por seu lado, Andy Summers fez também música cinematográfica, embora tenha dedicado mais energia aos seus discos de guitarra, por vezes com gente como Robert Fripp ou Victor Biglioni, ocasionalmente centrados no

jazz, como no belo *Green Chimneys: the Music of Thelonius Monk*, de 1999.

**'I'll be watching you'**

A Taschen editou, em formato XL, as imagens de Andy Summers com excertos dos seus diários das digressões

Musicalmente, o que Sting fez a partir de 1984 é do domínio público. Depois de ser actor em muitos filmes, foi-se desencantando do cinema. Exercitou a sua consciência ecológica e defendeu os direitos humanos mas, olhado de lado, por observadores desconfiados, dei-

xou o campo livre a almas mais impetuosas como Bono. Procurou, apesar de tudo, não ferir as sensibilidades dos ex-companheiros: a sua autobiografia apenas aflora a aventura dos Police.

Foi Sting quem tocou a rebate. Depois de se ter permitido um grande capricho – gravar música antiga, de alaúde, de John Rowland – e comprovar que as vendas foram mínimas, ofereceu aos seus dois opositores o que há décadas eles desejavam. Os Police voltam em grande. Nos estádios. Sinal dos tempos: até viajam com um instrutor do método Pilates. E levam tudo muito a sério: estiveram semanas a ensaiar, no Canadá, procurando recuperar a tensão das melhores épocas. Sting impôs algumas das suas condições: como grupo de abertura vão ter os Fiction Plane, a banda do seu filho Joe. O nepotismo, concordaram os outros, é um pecado menor, quando se trata do regresso dos Police. **VISÃO/EL PAÍS**